

## ENQUANTO OS DENTES, DE CARLOS EDUARDO PEREIRA, E A INVISIBILIDADE SOCIAL DO CORPO ABJETO

JESSÉ CARVALHO LEBKUCHEN<sup>1</sup>; ALFEU SPAREMBERGER<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – jesse\_carvalho@live.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – alfeu.spareemberger@outlook.com

### 1. INTRODUÇÃO

Pensando que as representações do gay como personagens centrais da literatura brasileira são aspectos relevantes a serem analisados na atualidade e compreendendo que a construção dessas personagens nas narrativas produzidas na metade final do século XX e na primeira década do século XXI possuem diversas similaridades, tanto nos aspectos físicos quanto nos psicológicos, visa-se discutir a perspectiva narrativa acerca da homossexualidade masculina em *Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira, analisando a (in)visibilidade social do corpo abjeto na personagem principal da obra.

De acordo com Larrosa (1996), a identidade é composta por intermédio de narrativas, que são produzidas e recebidas no decorrer da vida de um sujeito, ou seja, é uma construção determinada linguisticamente. Assim, é um processo significativo e interpretativo, que resulta de métodos construtivos, imaginativos e compositivos, já que os relatos realizados ultrapassam a experiência vivida por si só, entrelaçando-se a outros textos e aos dispositivos sociais onde são produzidos. Woodward (2014) também percebe a identidade como uma representação realizada por intermédio da linguagem e de sistemas simbólicos. Para a teórica, ela é regida pela diferença. Aspectos e instituições sociais formativas geram um padrão identitário e definem os demais como diferenças, logo algumas identidades “são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (WOODWARD, 2014, p. 11).

Para Butler (2019), desempenhamos atos performativos de gênero que se iniciam no nascimento dos sujeitos, corpos que são discursivamente construído. Assim, ao dizer-se socialmente que os conceitos de gênero, sexo e sexualidade não são construções, que são anteriores à cultura e já existentes “desde sempre” na natureza, permite-se justificar uma série de estabelecimentos de regras sociais, como se elas fossem naturais, enquanto todo o restante seria uma construção, uma disputa contra a natureza. Ou seja, as identidades que demonstram as lacunas ou as falhas na estrutura de poder social precisam ser combatidas, a fim de mantê-la. Pode-se perceber, aqui, que tais sujeitos são tomados como abjetos, ou seja, não desejáveis, que necessitam ser deixados ou jogados para fora, excluindo-os:

O “abjeto” designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente “Outro”. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece. A construção do “não eu” como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito (BUTLER, 2019, p. 230).

Em um processo de assimilação, sujeitos que se identificam como homossexuais vivem o que Sedgwick (2007) trata como a “epistemologia do

armário”, elemento formativo que condiciona como eles devem atuar socialmente para não serem objetos de abjeção. A autora afirma que o armário é uma condição da homossexualidade, mesmo quando os sujeitos assumem sua sexualidade abertamente, pois “[m]esmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas” (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Considerando o estudo quantitativo de Dalcastagnè (2012), a amostra literária das produções realizadas nas principais editoras do mercado brasileiro nos últimos anos do século XX e na primeira década do século XXI é predominantemente produzida por homens, heterossexuais, brancos e provenientes de classes sociais superiores, e isso se reflete em suas personagens. As personagens homossexuais ou bissexuais aparecem de forma mais considerável na escrita de autores mais jovens, em comparação com os demais. No entanto, algumas características nessas construções são interessantes. Quando as sexualidades marginais são retratadas, não há indício de raça ou cor como fator relevante, como se somente a orientação sexual já fosse o suficiente para a discussão. Nesse viés, as vivências seriam similares, ou seja, ser uma pessoa homossexual branca, negra ou indígena estaria em um mesmo contexto de experiência social, com os mesmos desafios e realidades.

Além disso, as narrativas carregam em suas construções de personagens homossexuais o fator doença como uma característica constante, principalmente ligadas a enfermidades relacionadas à sexualidade, como a aids, que é vista como “elemento recorrente de um universo ficcional que ainda situa os homossexuais masculinos como ‘grupo de risco’” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 186). É interessante ainda salientar um dado importante para esta pesquisa: não há nenhuma ocorrência de personagens homossexuais e bissexuais como deficientes físicos na lista de obras analisadas pela teórica, mesmo que essa seja uma característica percebida em personagens heterossexuais e, em sua maioria, assexuais (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 186). Isso possibilita pensar que mesmo quando se trata de relações heteronormativas são reforçados os estereótipos, inclusive de que não é possível exercer uma vida sexual ativa ao portar uma deficiência física.

## 2. METODOLOGIA

O trabalho, de caráter qualitativo, realiza-se a partir de pesquisa bibliográfica, utilizando, para as discussões a respeito de gênero e sexualidade, a teoria *queer* e pressupostos dos estudos culturais e feministas. Busca, deste modo, estabelecer relações, tanto de aproximação quanto de distanciamento, entre elas. Além disso, para o debate de representações literárias e a análise do objeto, este estudo se utiliza de investigações na área da literatura brasileira contemporânea.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

*Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira, trata do deslocamento de Antônio, um homem cadeirante, negro e gay, de Rio de Janeiro a Niterói, em uma volta forçada para a casa dos pais, por não ter mais condições financeiras de sustentar-se após um acidente que lhe antecipa a deficiência física,

pois já tinha uma doença congênita que lhe tornaria cadeirante mais cedo ou mais tarde. Nessa travessia, se depara com pessoas, situações e objetos que lhe fazem recordar de momentos vividos ou de angústias presentes e futuras, em espécies de pequenos *flashbacks* que mostram diferentes períodos da vida de Antônio, relacionados a pontos de conexão, que unem suas experiências de mundos opostos: o familiar – prático, militar e conservador – e o individual – cultural, artístico e liberal.

Após uma longa descrição da relação entre a personagem e a cadeira de rodas, mostrando a importância desse objeto para este sujeito, têm-se o primeiro momento narrativo onde pode-se pensar o corpo de Antônio como abjeto:

Na rua, as pessoas vivem olhando para Antônio. E ele sorri. É de se imaginar o que elas pensam ao cruzar com um cadeirante desacompanhado. Tem gente que basta topar com um infeliz numa cadeira de rodas que logo se oferece para prestar algum tipo de ajuda. Geralmente os que não podem nem consigo mesmos. Esta tarde já vieram duas velhotas de cabelo lilás, um altão com camisa do Vasco e uma magrela. Só que Antônio não quer nada além de ficar por aqui, fazendo um intervalo para depois seguir seu caminho. A vontade é de mandar para o inferno todos eles. Mas não foi essa educação que recebeu. Por mais que não queira, que não possa, é obrigado a devolver o sorriso. O melhor sorriso (PEREIRA, 2017, p. 10).

Nota-se que essa experiência é algo do cotidiano para Antônio, que frequentemente é visto como um ser que precisa de auxílio, mesmo quando não solicitado. A “boa ação” das pessoas é entendida como uma inconveniência, já que ele não precisa ou não quer, pelo menos não dessa forma e nesse momento, visto a indignação disfarçada de sorriso, por educação. Ele obriga-se a ser gentil, como se fosse um retorno ou uma troca a uma suposta gentileza, afinal, na visão social, as pessoas só estão querendo ajudá-lo. Na sequência, o narrador aborda que realmente seria útil caso existissem acessibilidade em banheiros públicos, por exemplo, dando-lhe a autonomia necessária.

É possível verificar também as relações de abjeção vividas em sua família. O, seu pai, nomeado em toda a narrativa como Comandante, desempenha seu papel paterno como se estivesse tratando um subordinado na instituição militar, deixando os laços afetivos como algo distante ou inexistente. Mesmo que imaginados, termos como “coisa de mariquinha” somados à resposta habitual “sim, senhor”, comprovam que a visão identitária de ambos não é compatível, sendo a construção de Antônio vista em perspectiva de abjeção pelo pai, o Comandante. As noções de “correção”, recorrentes na narrativa através do uso da “velha lição da Madalena”, pois “o pai poderia agredi-lo sem dificuldades, bastava querer”, unidas ao apagamento da mãe, com um laço afetivo mais forte ao filho, que, “entre uma ausência e outra, tentaria, a seu modo, protegê-lo”, apontam uma base familiar construída a partir da dominação e submissão, de todas as perspectivas de gênero. Por isso, a necessidade de o filho, ou o “Comandado”, ser criado como um “homem de verdade”, alguém que irá prosseguir com o poder dominante (PEREIRA, 2017, p. 87-88).

Por último, pode-se questionar se mesmo as relações sociais escolhidas por ele o tratam como sujeito ou como abjeto após o acidente:

Atendendo a uma convocação invisível, eles foram chegando, sem a mais vaga ideia de como se portar com Antônio, mas cheios de curiosidade, que foram sumindo pouco a pouco. Algo se quebra depois que você vira cadeirante, ou desencaixa, e não é verdade o que dizem os psicólogos, que o sexo continua sendo sexo, do ponto de vista de um

deficiente, que o sexo está mais na cabeça do que no órgão genital. Sexo é pau duro, é penetração, e não dá para ignorar que mais de setenta por cento do corpo de um homem assim fica fora de uso, não adianta tocar que ele não sente nada. Os dias de loucura terminaram quando Antônio caiu da cadeira de rodas pela última vez, nas mãos de um desses amigos. O sujeito o carregou no colo, colocou de volta na cama, desligou o som e foi embora (p. 92).

Ao narrador apontar que as pessoas “foram chegando, sem a mais vaga ideia de como se portar com Antônio”, evidencia que há um olhar curioso, que pensa que a condição de deficiência física altera todas as possibilidades de vivência social, e isso é firmado quando eles afastam-se da personagem, “sumindo pouco a pouco”. Se as amizades de Antônio não seguiram as mesmas, isso também ocorre com as relações amorosas e sexuais. Segundo o narrador, o que é dito pelos especialistas sobre o sexo não ser algo restritamente físico não é sentido por Antônio, que entende, neste momento, que sua vida sexual acabou ou, pelo menos, que nunca mais será a mesma.

#### 4. CONCLUSÕES

Pode-se perceber que o romance traz uma perspectiva distinta das narrativas produzidas no sistema literário brasileiro, mesmo que contemporâneo, por trazer à tona uma vivência muitas vezes ignorada socialmente. Percebe-se que Antônio é invisibilizado de diferentes formas, seja na voz narrativa, nas relações sociais de diferentes etapas de sua vida, antes e depois de sua deficiência física. Isso prova que a abjeção da personagem se relaciona com diferentes aspectos, como sua raça, sexualidade, suas performances de gênero e por ser cadeirante. Ao abordar essa última característica, Carlos Eduardo Pereira apresenta uma experiência da invisibilidade social, pois tem-se acesso às diferentes dificuldades e visões sociais dadas a um corpo com deficiência física, percebida em diferentes momentos como algo não desejado socialmente. Dessa forma, se Antônio sofre a abjeção social por sua condição corporal, também sofre de outras instituições formativas, incluindo sua família, por sua homossexualidade.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Horizonte, 2012.

LARROSA, Jorge Bondía. Narrativa, identidad y desidentificación. In: \_\_\_\_\_. **La experiencia de la lectura**. 2. ed. Barcelona: Laertes, 1996. p. 461-482.

PEREIRA, Carlos Eduardo. **Enquanto os dentes**. São Paulo: Todavia, 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 19-54, 2007.